



**RE (DESCOBRINDO) A INFÂNCIA COM E NAS POESIAS DE MANOEL DE
BARROS:
exercitando a criancice...**

Janaina Nogueira MAIA¹

RESUMO

O presente estudo busca realizar uma leitura a respeito da infância e surgiu a partir dos diálogos realizados no Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Interdisciplinar de Professores – GEPFIP/UFMS/CPAQ, tem por objetivo redescobrir a infância por meio das poesias de Manoel de Barros, que, em sua obra poética, oferece elementos que nos leva a compreender a infância nas formas de sua existência cotidiana, com vínculos sociais afetivos em sua aprendizagem de vida. Optamos assim, por resgatar a infância com e nas poesias de Manoel de Barros, devido à maneira como o poeta mato-grossense reivindica uma educação pela infância. Para ele, “renovar o homem usando passarinho”, revelando “peraltices”, causa um retorno à infância como um acontecimento (BARROS, 2003). Recorremos a estudos que norteiam esse artigo sobre a história e produção da infância que nos ajudaram a compreender como esse acontecimento marca uma importante etapa em nossas vidas. Postulamos, no entanto, a infância como “condição humana” Kuhlmann Jr.(1998), permeando e investindo em um saber aos leitores na educação pela infância. Neste caso, a educação permitirá não abandonar a infância e a experiência e ainda, estar na infância por meio dessa experiência.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Infância. Educação.

ABSTRACT

This study seeks to perform a reading about childhood and emerged from the dialogues held by the Study and Research Group in Interdisciplinary Teacher Development – GEPFIP/UFMS/CPAQ, and its purpose is to rediscover the childhood through the poetries of Manoel de Barros, whose poetic works provides elements that lead us to understand the childhood in its everyday existing forms with affective social bonds in life learning lessons. Therefore it was opted for redeem the childhood with and within the poetries of Manoel de Barros because of the way in which the poet from Mato Grosso claims for an education through childhood. For him, “renew the man using birds,” disclosing “antics,” makes a return to childhood as an exceptional occurrence (BARROS,

¹Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-CPAQ e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Interdisciplinar de Professores – GEPFIP/UFMS/CPAQ.
E-mail: maiajanaina@hotmail.com



2003). We depended upon researches that guide this article about the history and production of childhood which helped us to understand how this event marks an important stage in our lives. However, we postulate childhood as a “human condition” Kuhlmann Jr. (1998), permeating and investing on a knowledge to readers on the education through childhood. In this case, education will not leave behind childhood and its experience, yet being in the childhood through this experience.

Keywords: Manoel de Barros. Childhood. Education.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, nosso propósito é proporcionar reflexões sobre a infância na poesia de Manoel de Barros, buscando o poeta e descobrindo porque escrever e se escrever com infância, elegendo-a como a educadora de seus leitores. A obra “Memórias Inventadas”, publicada no período de 2003 a 2008, composta pela trilogia “A infância”, “A segunda infância” e “A terceira infância” registra a autobiografia de Manoel de Barros que, poeticamente, focaliza três momentos de sua vida: a infância, a mocidade e a velhice. Em cada livro da série, Manoel de Barros registra: “Tudo que não invento é falso”, epígrafe que se intitula pelo fato de que suas memórias são inventadas por meio de lembranças, ou de algo que não aconteceu, ou ainda, correspondam à fantasia daquilo que foi vivido ou não vivido.

Ao ler e analisar as poesias da renomada série buscamos, na perspectiva da cultura e da história, desvelar por meio das poesias de Manoel de Barros, uma volta à infância, onde, mesmo adulto, a imaginação poderia estar enaltecendo um saber; ou seja, a leitura sendo a educadora de uma existência para sermos felizes no momento atual que nos encontramos. Falar e pensar a infância, para alguns, é a maior felicidade, mas para outros, parece ser uma frustração... Dessa forma, as poesias do poeta, presentes neste artigo, buscam uma volta às lembranças do passado para viver o presente e pensar o futuro de forma mais prazerosa. Manoel de Barros escreve com temporalidades não cronológicas e defende que não há possibilidade de abandonar a infância, mesmo sendo adulto, por isso, marca-a como condição humana permanente e investe em uma escrita viva para seus leitores atingirem a infância.

Pretendemos, portanto, identificar de que forma as poesias de Manoel de Barros podem se configurar como uma possibilidade de ser educadora do leitor, desvendando um



homem regional que também é universal e uma concepção de infância, histórica e cultural que se constitui pela apropriação dos processos educativos.

2 O UNIVERSO DE MANOEL DE BARROS É A INVENÇÃO OU REINVENÇÃO?

“Porque me abasteço na infância e minha palavra é Bem de raiz e bebe na fonte do ser”, responde o próprio Manoel (BARROS, 2003: s.p), ao ser indagado sobre suas obras; se as histórias contadas em seus livros são reais, principalmente no livro Memórias Inventadas – se a infância é real ou somente criação da imaginação do autor. Manoel de Barros é um menino que cresceu, envelheceu e, no entanto, continuou tão jovem na sua criatividade! E nos brinda seu talento com livros. Foi ele quem disse: “Tudo o que não invento é falso” (2010), querendo nos ensinar que as coisas só existem para nós quando as reinventamos. E ler, para ele, é uma forma de reinventar o mundo. E lendo sua obra, sendo jovem ou adulto, estaremos reinventando o mundo e podendo imaginar, ser e fazer, permitindo-nos (re) viver a infância, como possibilidade de falar o que ainda não falamos, pensar o que ainda não pensamos, ver o que ainda não vimos. Acreditamos, então, que a educação, neste caso, consiste em não abandonar a infância e a experiência.

Invenção ou reinvenção, de acordo com Manoel de Barros, é poder voltar ao tempo, sem sair do lugar e assim, redescobrir em que adulto você se transformou, e que pessoa é você quando olha uma criança. Como ele mesmo diz: “cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos” (BARROS, 2003). Trecho que nos revela um devir, que possibilitou ao poeta, felicidade de dizer o que sente, “carregando água na peneira”, podendo assim, reinventar sua infância.

Nos últimos anos, graças ao estudo pioneiro de Philippe Ariès (1981), passou-se a questionar a infância como um fenômeno natural e universal, para compreendê-la como uma realidade social construída e reconstruída historicamente. Em sintonia, mesmo distante de Ariès, o poeta Manoel de Barros, em sua obra poética considera necessário buscar a criança para se compreender a infância: “a história da criança simplesmente criança, as formas de sua existência cotidiana, as mutações de seus vínculos sociais e afetivos, a sua aprendizagem da vida” (BARROS, 2003). No retorno ao passado por meio da rememoração, o poeta procura assegurar a presença da criança em sua obra, oferecendo elementos para a ampliação do conhecimento sobre a infância.



A poesia de Manoel de Barros dá, diversas vezes, mostras de que é preferido o saber das fontes, em detrimento do saber dos livros: “Tudo que os livros me ensinassem, os espinheiros já me ensinaram. Tudo que nos livros eu aprendesse, nas fontes eu aprendera. O saber não vem das fontes?” (BARROS, 2005a, s/p).

Na perspectiva da história e da cultura nas poesias de Manoel de Barros, a infância é a educadora que favorecerá a emancipação, porque ela não se vai impor, não vai ensinar o que sabe, não vai transmitir nada que o leitor não queira saber ou não possa saber por si só. Ela propiciará os meios para a emancipação e emancipar teria a ver com tornar-se livre, ou melhor, libertar-se, pela própria inteligência. Com Manoel de Barros, seria possível ao homem, seu leitor, libertar-se, ser criança novamente, reinventando-se para tornar-se passarinho.

Vale ressaltar que Manoel de Barros não é um educador, ele é um poeta que escreve e se escreve com infância. Pensamos então, que a educadora, na verdade, seja a infância, que não pode mais ser vista apenas como etapa cronológica, do início de uma vida, mas como uma condição da humanidade. Uma condição de ser criança e de se ter infância, que é histórica, bem como a experiência, ou seja; o que já viveu ou ainda vai viver não precede a história, é condição dela.

No viés do poeta Manoel, são nas nossas “raízes crianceiras” que está o segredo para se redescobrir a criança para agir sobre a história. Enquanto o adulto considera desrazão, absurdo e insensatez na criança, o poeta encontra sabedoria. Ele poetiza a sua infância, registrando, nas brincadeiras que fazia, a possibilidade que temos de imaginar, criar, sonhar, amar, pensar, viajar, voar e transgredir. Podemos assim dizer, que rememorando o passado, vamos problematizar o presente e pensar que nem tudo está perdido (? Futuro), como pensado e registrado neste poema:

Eras / Antes a gente falava: faz de conta que este sapo é pedra./ E o sapo eras.
Faz de conta que o menino é um tatu. / E o menino eras um tatu. / A gente agora parou de fazer comunhão de pessoas com bicho,/ de entes com coisas.
A gente hoje faz imagens. / Tipo assim: / Encostado na Porta da Tarde estava um caramujo./Estavas um caramujo – disse o menino./ Porque a Tarde é oca e não pode ter porta./ A porta eras. /Então é tudo faz de conta como antes? (BARROS, 2001 a, s/p.)

Em Manoel de Barros, há claramente uma educação pela infância. Ele, em sua obra, proporciona condições para que possam existir, juntas, infância e experiência. Suas poesias



não estão apenas para as crianças, mas aos adultos, que por vezes, se esquecem de um mundo no qual a experiência parece estar desaparecendo. Fazer acontecer uma educação pela infância e pela experiência, ou seja, pela imaginação, inovação, criatividade, cor, cheiro, nostalgia, vida, embelezamento, enfim, vida, é o mesmo que estarmos nos educando para a felicidade. Como dito anteriormente, esse processo (a leitura das poesias do poeta) levaria o leitor da obra de Manoel a viver a infância como um devir, como possibilidade de falar o que ainda não se falou, pensar o que ainda não se pensou, ver o que ainda não se viu. A educação, neste caso, permitiria em não abandonar a infância e a experiência, mas estar na infância por meio da experiência.

Na realidade, a proximidade com o tempo e os lugares da infância levou o poeta a deixar de lado um roteiro de lembranças referentes à juventude e à velhice. Essa escolha é dada, aos leitores, pela forma como se dedica à infância inventada ou reinventada, mas com vida por meio de poesias. Ele não tinha dúvidas: “Eu só tive infância”. (BARROS: 2003, s.p)

3 A CRIANÇA E O POETA

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu no Beco da Marinha, beira do Rio Cuiabá, no Estado de Mato Grosso, em 1916. Publicou seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, em 1937, mas o reconhecimento do público aconteceu nos anos 80.

Manoel de Barros constrói sua obra, tal como Walter Benjamin (1984) identifica a forma com que as crianças fazem a história, ou seja, a partir de como se conta a história. Escreveu seu primeiro poema aos 19 anos, mas sua revelação poética ocorreu aos 13 anos de idade, quando ainda estudava no Colégio São José dos Irmãos Maristas, no Rio de Janeiro, cidade onde residiu até terminar seu curso de Direito, em 1949. Mais tarde tornou-se fazendeiro e assumiu de vez o Pantanal.

Ele elege para matéria de poesia os objetos e as coisas que não têm valor de troca (como latas e parafusos velhos, cisco, árvores, pássaros, lua, chão, lagartixas e formigas, sol, rio, sapos, orvalho, lírios), os homens loucos e andarilhos, os homens humildes que, embora empobrecidos e iletrados, possuem grande sabedoria.

Seu primeiro livro foi publicado no Rio de Janeiro, há mais de sessenta anos, e se chamou "Poemas concebidos sem pecado". Foi feito artesanalmente por 20 amigos. “Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças” (BARROS, 1999, s/p.) A



criança e Manoel, Manoel e a criança, criança poeta, ou um adulto retratando a infância em dias corriqueiros para a felicidade reinar? Reescrever sua própria história, contar o que viveu, ou inventar o que não viveu, como ele mesmo diz, "Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira". Assim, cabe ao leitor, Manoelar e causar peraltices em suas poesias, como neste poema...

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro de vizinho pra catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago de minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS: 2003, s.p)

Hoje, Manoel de Barros é reconhecido nacional e internacionalmente como um dos poetas mais originais do século e mais importantes do Brasil. Era tímido e seguia uma rotina de poeta como ele mesmo considerava. Não gostava de ser visto na mídia, era simples ("metido" para ele) e nem computador usava. Escrevia sozinho em seu lugar predileto, rodeado de livros, em sua casa, seu chão, seu espaço. Foi um poeta que ganhou inúmeros prêmios², e chegou a ser um dos nomes sugeridos para o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 2013. Podemos constatar tal façanha do poeta quando em agosto 1996 em uma entrevista

²1960 -Prêmio Orlando Dantas - Diário de Notícias, com o livro "Compêndio para uso dos pássaros"; 1966-Prêmio Nacional de poesias, com o livro "Gramática expositiva do chão"; 1969 - Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, com o livro "Gramática expositiva do chão"; 1989 - Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Poesia, como o livro "O guardador de águas"; 1990 - Prêmio Jacar de Prata da Secretaria de Cultura de Mato Grosso do Sul como melhor escritor do ano; 1996 - Prêmio Alfonso Guimarães da Biblioteca Nacional, com o livro "Livro das ignoranças"1997; -Prêmio Nestlé de Poesia, com o livro "Livro sobre nada"; 1998 -Prêmio Nacional de Literatura do Ministério da Cultura, pelo conjunto da obra; 2000 -Prêmio Odilo Costa Filho - Fundação do Livro Infante Juvenil, com o livro "Exercício de ser criança"; 2000 -Prêmio Academia Brasileira de Letras, com o livro "Exercício de ser criança"; 2002 -Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria livro de ficção, com "O fazedor de amanhecer"; 2005 -Prêmio APCA 2004 de melhor poesia, com o livro "Poemas rupestres"; 2006 -Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, com o livro "Poemas rupestres".



concedida ao jornal "O Estado de São Paulo"³, ao ser perguntado sobre qual sua rotina de poeta, respondeu:

“Exploro os mistérios irracionais dentro de uma toca que chamo 'lugar de ser inútil'. Exploro há 60 anos esses mistérios. Descubro memórias fósseis. Osso de urubu, etc. Faço escavações. Entro às 7 horas, saio ao meio-dia. Anoto coisas em pequenos cadernos de rascunho. Arrumo versos, frases, desenho bonecos. Leio a Bíblia, dicionários, às vezes percorro séculos para descobrir o primeiro esgar de uma palavra. E gosto de ouvir e ler "Vozes da Origem". Gosto de coisas que começam assim: "Antigamente, o tatu era gente e namorou a mulher de outro homem". Está no livro "Vozes da Origem", da antropóloga Betty Mindlin. Essas leituras me ajudam a explorar os mistérios irracionais. Não uso computador para escrever. Sou metido. Sempre acho que na ponta de meu lápis tem um nascimento.”

Não podemos dizer que é apenas saudosismo, nostalgia, mas um momento de entender que as imagens não destroem a imaginação da criança. Os cheiros, as cores, os lugares, as coisas, os momentos de infância representam um dos elementos das palavras para o poeta. E Manoel de Barros escreve a criança que vai se projetando no adulto:

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas/ memórias fósseis./ Tem por lá um menino a brincar no terreiro/ entre conchas, osso de arara, sabugos, asas de caçarolas, etc./ (...)/ O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo, umas latas tristes./ (...) O menino hoje é um homem douto que trata com/ física quântica./ Mas tem nostalgia das latas./ Tem saudades de puxar por um barbante sujo/ umas latas tristes.(...) Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem/ encomendou uma árvore torta.../ Para caber nos seus passarinhos./ De tarde os passarinhos fazem árvore nele.
(BARROS, 2001 d, p. 47)

Esta poesia retrata um homem de uma infância vivida com criatividade e imaginação, que quando adulto não se desumanizou no encontro com a ciência e a tecnologia. Essa poesia ainda marca momentos de um menino/homem feliz que conseguiu sobrepor ao tempo. Mostra, entretanto, para nós, que a vida não tem apenas um caminho, mas cruzamentos de tempos.

Assim é Manoel de Barros, um homem, um menino, um poeta, que escreve suas memórias, que se mostra feliz na criança que foi e ainda permeia no tempo deixado para nós. Quiçá, todo adulto pudesse retratar ou redescobrir por meio de sua infância seu presente e pensar seu futuro inesperado de maneira alegre e costumeira para dias vindouros.

³ Entrevista a José Castello, intitulada “Manoel de Barros busca o sentido da vida” – O Estado de São Paulo – 03/08/1996.



4 A CRIANÇA, A INFÂNCIA, O ADULTO E SUAS HISTÓRIAS

Quando pensamos sobre a história da criança e da infância, fazemos isso com um olhar no passado, pois os conceitos referentes à criança e à infância se complementam e são culturalmente determinados e historicamente construídos. Nas palavras de Freire, não há educação fora das sociedades humanas e não há homens no vazio. A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, “vai ele dinamizando o seu mundo, vai dominando a realidade vai humanizando-a” (FREIRE, 1983). Nesse viés, a partir das relações com outras pessoas, constituímos-nos humanos, fazemos parte de uma sociedade, estamos nela e com ela, criamos, recriamos e tomamos decisões.

A criança sempre existiu, mas constata-se que o sentimento de infância era ausente até o século XVI, surgindo a partir dos séculos XVII e XVIII, como identifica Philippe Ariès (1981) em suas pesquisas. Ariès, historiador francês, utiliza o termo sentimento de infância para referir-se à postura adotada para com as crianças, entendendo-as como sujeitos diferentes dos adultos. Essa postura desenvolveu-se, inicialmente, com relação às crianças das classes mais elevadas (século XVI) e, posteriormente, estendeu-se às parcelas mais pobres da população.

Passamos, então, a refletir sobre a construção da história da infância, tendo em vista a peculiaridade do ser criança como sujeito histórico no mundo social. Kuhlmann e Fernandes (2004) apresentam uma definição do campo situado entre a história da criança e da infância. Segundo eles, a história da infância seria compreendida como “a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos com essa classe de idade e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade” (p.15).

Em relação a essa conceituação, os autores apontam:

[...] se a história da criança não é possível de ser narrada em primeira pessoa, se a criança não é nunca biógrafa de si própria, na medida em que não toma posse de sua história e não aparece como sujeito dela, sendo o adulto quem organiza e dimensiona tal narrativa, talvez a forma mais direta de perceber a criança, individualmente ou em grupo, seja precisamente tentar captá-la com base nas significações atribuídas aos diversos discursos que tentam definir historicamente o que é ser criança (KUHLMANN E FERNANDES, 2004, p. 15).



A construção histórica do sentimento de infância foi assumindo diferentes significados ao longo do tempo, a partir das relações sociais e não apenas em função das especificidades da criança. A infância existiu desde os primórdios da humanidade, mas a sua percepção como uma categoria e construção social, conforme já dissemos anteriormente, deu-se a partir dos séculos XVII e XVIII. Essa datação do surgimento da infância pode ser analisada também nos estudos de Carvalho, que afirma:

[...] A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVIII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância (CARVALHO, 2003, p. 47).

No olhar de Manoel de Barros não foi diferente, para ele três personagens o ajudaram a compor suas memórias e nessa constante, dar ciência a elas: “Uma, a criança, dois os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a pré-ciência da natureza de Deus” (BARROS, 2008). Percebe-se, dessa forma que o poeta elege a criança, quando descreve a infância, os passarinhos e outros elementos da natureza para mostrar sua intimidade com o inusitado e sua liberdade de ser e fazer na poesia e os andarilhos, para dizer das coisas insignificantes, que para ele era o mais importante.

Segundo Ariès, (1981), a infância foi uma invenção da modernidade. O autor registra o sentimento de infância como uma consciência da criança decorrente de um processo histórico, e não uma herança tradicional. Essa concepção descrita por Ariès marcou grandes mudanças no que se considera infância, que, segundo ele, reserva outra vertente deste sentimento de infância, marcada por uma busca da moralidade na base da educação das crianças, por um interesse psicológico, juntando a razão das ações a certa docilidade.

Manoel de Barros pensava igual: “Eu só tive infância porque me abasteço na infância e minha palavra é Bem de raiz e bebe na fonte do ser” (BARROS, 2008). Ninguém se opôs a essa maneira de o poeta enxergar a sua vida e, assim, suas “memórias” foram contadas tendo como tema recorrente a sua infância.

Portanto, na maioria dos textos, escritos em forma de prosa poética, que compõem a série “Memórias inventadas”, Manoel de Barros não apresenta propriamente relatos de sua vida como acontecimentos históricos que descrevem como os fatos aconteceram. Essas



memórias apresentam-se de maneira fragmentada, sem que obedecem a um movimento linear ou a limites de tempo e espaço. São memórias livres, soltas, inventadas.

Também nessa perspectiva, registramos a contribuição de Kuhlmann Jr. (1998), que percebe que poucas foram e são as pesquisas sobre a infância; por isso, faz uma análise histórica registrando acontecimentos importantes para que possamos entender um pouco mais sobre esse fundamental momento da vida da criança. Para o autor, “é preciso considerar a infância como uma condição de ser criança” (1998, p. 15).

Segundo as análises de Kuhlmann (1998), as experiências vividas pelas crianças em diferentes contextos históricos, geográficos e sociais são mais do que representações dos adultos. O autor propõe a ideia de que é preciso saber como ocorreram ou ocorrem às representações de infância, pensar nas crianças, localizá-las na sociedade e reconhecê-las como produtoras da história:

[...] infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel (KUHLMANN, 1998, p.16).

Para Rousseau, a infância não é um lugar de passagem para outros estágios mais desenvolvidos, e sim precisa ser considerada como uma etapa de valor próprio. Para ele, da mesma forma que “a humanidade tem lugar na ordem das coisas, a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança” (ROUSSEAU, 1994, p. 69). E Manoel, mais uma vez nos surpreende com suas peraltices ao eleger o Pantanal como o espaço em que se constitui fazendo comunhão “[...] de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore.”, define-se como alguém que traz em suas “raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas”:

[...] Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, 2003)

Kuhlmann (1998) pontua em sua obra que a história da criança e da infância seria uma maneira de contar, de narrar, de ligar tempos diversos a um tempo da humanidade, de construir sentidos, de modo a configurar processos históricos. Ele destaca ainda que a



criança não escreve sua própria história, mas é o adulto que a escreve, então é uma história sobre a criança.

Na abordagem de Kuhlmann, a infância não é um mundo imaginário na vida da criança, na verdade é a interação da criança com o mundo real, pois é a partir daí que as crianças se desenvolvem, participam de um processo social, cultural e histórico, apropriam-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar, e as relações sociais é parte integrante de suas vidas, de seu desenvolvimento.

Neste sentido,

[...] é preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, reconhecê-las como produtoras da história. Torna-se difícil afirmar que uma determinada criança teve ou não infância. Seria melhor perguntar como é, ou como foi, sua infância (KUHLMANN, 1998, p. 31).

De acordo com essa proposta de Kuhlmann (1998), podemos pensar que toda criança tem infância, mas não se trata de uma infância idealizada, e sim concreta, histórica, social. A questão central não é se a criança teve/tem infância, mas de compreendermos qual infância a criança vivenciou/vivencia.

Ratificamos que a infância é inerente à criança; como também afirma Marita Redin (2007, p. 12) “a infância se refere às condições de vida das crianças em diferentes grupos sociais, culturais e econômicos”. Porém, ainda há muitos casos em que a criança não usufrui deste direito de forma adequada, pois vive em condições precárias. A criança é ator social, participe da construção da sua própria vida e da vida daqueles que a cercam. As crianças têm voz própria, devem ser ouvidas, consideradas com seriedade e envolvidas no diálogo e na tomada de decisões democráticas.

Dessa forma, escolhemos Manoel de Barros para conversar com o adulto e assim enxergar a criança como criança. O poeta mostra a incompreensão do adulto que não ouve a criança, considerando-a como ser incompetente e incompleto, que ainda não é e que precisa vir a ser, ignorando a capacidade da criança de estabelecer semelhanças:

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa./ Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada./ Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. / Era uma enseada./ Acho que o nome empobreceu a imagem. (BARROS, 2001b, p.25)



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo “*Manoelês*”, percebemos que o poeta escolheu a infância como um lugar poético para dizer e contar sua vida. Nela encontramos material para o fazer poético, em uma linguagem descontraída onde ele escreve e poetiza suas infâncias (reais e imaginárias). Em um de seus versos registra: “*Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças*” (BARROS, 2003). Acreditamos, portanto, que neste momento a criança tem uma importância enorme na e para a educação do adulto. E este estudo buscou justamente lembrar que, um dia, fomos criança e que agora, adultos, precisamos revivê-la para então entendê-la.

A infância é fonte de aprendizagens para o poeta. Para ele, a imaginação não tem as prisões da vida adulta, tão pragmática, tão dura, tão pesada. A simplicidade para ele reina, assim como é simples a vida para a criança, ou seja, um menino feliz vira homem “passarinho”. Por isso, há uma fluente transgressão linguística, o que muito serve à poética das despalavras, tão percorrida por Manoel de Barros.

Certa vez, Manoel de Barros escreveu: “Sentia mais prazer de brincar com as palavras do que de pensar com elas” (2010). Pensar, portanto, é prescindível no mundo da criança. A imaginação brincante se faz presente, a todo o momento, nesse estágio de vida. O faz de conta dá significado ao mundo não imaginário, enchendo-o de símbolos e ludicidade.

Mas para o mundo prosaico dos humanos que *adultecem*, a brincadeira e a imaginação são somas iguais a nada. E nessa perspectiva, Manoel de Barros inventa e reinventa sua infância, em suas poesias, fazendo com que o adulto, leitor de seus poemas que não viveram sua infância, consigam de uma forma imaginária, se colocar na história e poder assim, redescobrir o seu papel como parte integrante da sociedade, do chão que pisa e da sua existência como ser social, histórico e cultural.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2005.

_____. **Memórias inventadas: a terceira infância**. São Paulo: Planeta, 2008.



_____. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávvia Dumont sobre desenhos de Demóstenes. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

_____. **Livro sobre nada**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Gramática Expositiva do Chão: Poesia Quase Toda**. Rio de Janeiro: Civilização, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. apresentação e notas Marcus Vinícius Mazzari. Posfácio de Flávio di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 1984. Coleção Espírito Crítico.

CARVALHO, Janete Magalhães. Potência do “olhar” e “da voz” não dogmática dos professores na produção dos territórios curriculares no cotidiano escolar do ensino fundamental. In: _____ (Org.). **Infância em territórios curriculares**. Petrópolis: DP et alii, 2012. p. 15-48.

CASTELLO, José. “Manoel de Barros busca o sentido da vida”, In O Estado de São Paulo. São Paulo, 03/08/1996

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KUHLMANN Jr., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 2. d. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN Jr., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da Infância. In: FILHO, L. M. F. (Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 22 a 37.

REDIN, Marita Maria. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: REDIN, Euclides; MULLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Orgs.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 11-22.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins, 1994.